



## A inserção das TICs como ferramenta facilitadora do processo de ensino-aprendizagem: contribuição para língua inglesa

## The insertion of ICTs as a tool to facilitate the teaching-learning process: contribution to the English language

Celia Ferreira Barretto de Almeida<sup>1</sup>

<sup>(1)</sup>Mestranda do Curso de Ciências da Educação da Harvard International University of Florida/Faculdade do Norte do Paraná.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

*Recebido em: 28 de novembro de 2018; Aceito em: 25 de abril de 2019 de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.*

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo analisar a inserção das tecnologias da informação e comunicação como ferramenta facilitadora do processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa. A metodologia utilizada para atingir este objetivo foi a pesquisa qualitativa com abordagem bibliográfica. Partindo da premissa de que se os alunos são usuários das tecnologias móveis e das mídias sociais, entende-se que eles estão utilizando a língua inglesa, uma vez que comumente podemos observar palavras, expressões, textos deste idioma tanto nos aparelhos quanto nos aplicativos. Neste sentido, o uso das TICs faz a ponte, entre o inglês dos currículos escolares e a vida do aluno, pois a partir do momento que o aluno consegue entender o inglês existente em seu cotidiano ele conseguirá associá-lo ao inglês aplicado na sala de aula e em sua vida. Neste sentido, podemos inferir que a língua inglesa poderá contribuir para um melhoramento na qualidade de tradução, escrita e fala deste idioma que é parte destas tecnologias da informação e comunicação da sociedade digital do século XXI.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologias. Mídias sociais. Língua inglesa.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the insertion of information and communication technologies as a facilitator of the process of teaching and learning English. The methodology used to achieve this objective was the qualitative research with bibliographical approach. Based on the premise that if students are users of mobile technologies and social media, it is understood that they are using the English language, since we can commonly observe words, expressions, texts of this language in both handsets and applications. In this sense, the use of ICTs bridges the gap between the English of school curricula and the life of the student, since once the student is able to understand the English in his daily life he will be able to associate it with the English applied in the classroom and in your life. In this sense, we can infer that the English language can contribute to an improvement in the quality of translation, writing and speaking of this language that is part of these technologies of information and communication of the 21st century digital society.

**KEYWORDS:** Technologies. Social media. English language.

## INTRODUÇÃO

A expansão da tecnologia móvel impulsionou a inserção da tecnologia da informação e comunicação (TICs), por meio de aparelhos de telefones celulares, *tablet*, *smartphone*, *notebooks*, e conseqüentemente ampliou o acesso das mídias sociais e aplicativos do tipo: *WhatsApp*, *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*.

Observa-se que, estes aparelhos e aplicativos, que são cotidianamente utilizados por nossos alunos, contêm palavras escritas na língua inglesa, isto implica que o uso das TICs seria uma interessante ferramenta, facilitadora do processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, visto que os alunos, em seu cotidiano, já estão familiarizados com diversas palavras escritas em inglês, eles, inclusive, falam e escrevem em inglês, e como pode ocorrer de a fala e a grafia não estarem corretas, isto se configura como uma ótima oportunidade para trabalharmos na sala de aula da disciplina língua inglesa.

Na educação do século XX, convivíamos com um ensino que era centrado em textos e livros didáticos, mas, neste século XXI, estamos sem dúvida, observando uma maior interação entre os olhares de educadores e educandos para promover uma educação com acesso a internet. Isto implica que estamos modificando, de maneira significativa, as ferramentas, os cenários e as finalidades da educação neste século XXI.

No entendimento de Moran (1997, p. 1) “A educação presencial pode modificar-se significativamente com as redes eletrônicas. As paredes das escolas e das universidades se abrem, as pessoas se intercomunicam, trocam informações, dados, pesquisas”.

Por isso, discutir o impacto das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), como novas ferramentas tecnológicas na aprendizagem, apresenta-se como surgimento e desenvolvimento de conseqüentes mudanças no cenário social e educacional, levando para uma forma de pensar a educação a partir das possibilidades oferecidas pelas TICs.

Morin em sua obra, *A cabeça bem-feita*, nos leva ao seguinte entendimento:

Como dizia magnificamente Durkheim, o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o – de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida! É, justamente, mostrar que ensinar a viver necessita não só dos conhecimentos, mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do

conhecimento adquirido em sapiência, e da incorporação dessa sapiência para toda a vida (2003, p. 47).

Neste sentido, o ensino de inglês implica em uma reforma do ensino, pois mais do que configurar a inclusão de uma nova forma de processar o ensino, o que se propõe é o repensar de um pensamento cultural desse ensino, como afirma Morin: “A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino” (MORIN, 2003, p. 20).

É preciso lembrar que ensinar exige risco, aceitação do novo, e rejeição a qualquer forma de discriminação, como nos ensina Paulo Freire [...] É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. (1999, p. 39).

Ora, o “pensar certo” de Paulo Freire, é de grande utilidade no cotidiano da educação, e tem por significado, algo muito além do que tem sido feito tradicionalmente nas salas de aula com o ensino da língua inglesa.

Assim, percebemos que a educação com hipertextos possibilita ações de decisão ao estudante, que é o responsável pela seleção e produção de caminhos/informações (PORTO, 2006, p. 46-47).

No entendimento de Coutinho, esta nova sociedade impõe um desafio para a escola refletir: “[...] que seja capaz de desenvolver nos estudantes competências para participar e interagir num mundo global, altamente competitivo que valoriza o ser-se flexível, criativo, capaz de encontrar soluções inovadoras”. (2011, p. 5).

Isto implica que, nestes novos cenários, a integração curricular das TIC pode oferecer significativa contribuição para professores e alunos para que sejam usados, nos espaços formais da educação, estratégias pedagógicas inovadoras e significativas tanto para o aluno como para a comunidade, o que implica apostar na formação pedagógica e tecnológica dos docentes, seja inicial, seja contínua (COUTINHO, 2011, p. 10).

Ainda segundo Coutinho, não basta o professor saber navegar na internet ou mesmo dominar “[...] habilidades no manuseio de algum software, mas, sobretudo, possuir competência pedagógica para que possa fazer uma leitura crítica das informações que se apresentam desorganizadas e difusas na rede” (2011, p. 10).

Assim, temos a missão de revisar os modelos teóricos dominantes nos estudos da educação, e fazer parte da interação entre humanos de aparelhos que nos leva as TICs,

mas é de suma importância observamos possíveis impactos neste processo de ensino-aprendizagem, é preciso verificar como ocorre esta aprendizagem, já que, aparentemente, parece que poderemos oferecer oportunidades educacionais que sejam comuns para todos, nesta sociedade da informação.

Diferentemente de décadas anteriores onde o professor era visto como transmissor de conhecimentos, hoje deve atuar como mediador participativo (PINTO, p. 7).

As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e aprendizagem.

Assim, cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento (WERTHEIN, 2000, p. 77).

Como sinaliza Moran (1997, p. 7):

Ensinar na e com a Internet atinge resultados significativos quando se está integrado em um contexto estrutural de mudança do processo de ensino-aprendizagem, no qual professores e alunos vivenciam formas de comunicação abertas, de participação interpessoal e grupal efetivas. Caso contrário, a Internet será uma tecnologia a mais, que reforçará as formas tradicionais de ensino. A Internet não modifica, sozinha, o processo de ensinar e aprender, mas a atitude básica pessoal e institucional diante da vida, do mundo, de si mesmo e do outro.

Assim, temos a missão de revisar os modelos teóricos dominantes nos estudos da educação, e fazer parte da interação entre humanos de aparelhos que nos leva as TICs, mas é de suma importância observamos possíveis impactos neste processo de ensino-aprendizagem, é preciso verificar como ocorre esta aprendizagem, já que, aparentemente, parece que poderemos oferecer oportunidades educacionais que sejam comuns para todos, nesta sociedade da informação.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Embora nossos alunos façam uso de TICs, por meio de aparelhos de telefones celulares, tablet, smartphone, notebooks, e aplicativos do tipo: WhatsApp, Twitter, que contém palavras escritas na língua inglesa, eles não fazem uma associação entre os

conteúdos didáticos de inglês apresentado em sala de aula com o estrangeirismo tão comum em seu cotidiano inserido nas TICs. Por que no seu cotidiano falam, cantam, escrevem em inglês e na sala de aula se fecham, argumentando que não entendem nada de inglês? Será que o uso das TICs como ferramenta facilitaria o processo ensino-aprendizagem para a língua inglesa da educação básica?

Neste sentido, este artigo tem como objetivo analisar de que modo a inserção das TICs pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem para a língua inglesa na educação básica.

Desse modo, para atingir tal objetivo, o modelo teórico-metodológico desta pesquisa foi de natureza qualitativa, visto que possibilita ao pesquisador pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2016, p. 20).

A fonte utilizada para abordar e tratar o objeto da pesquisa foi à pesquisa bibliográfica, uma vez que, este tipo de pesquisa “se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. “[...] e os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados” (SEVERINO, 2007, p. 122).

Na visão de Marconi e Lakatos a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, insere-se em toda “[...] bibliografia publicada referente à temática de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, até meios de comunicação orais” (2017, p. 184).

Considerando que o estudo desenvolvido para elaboração deste artigo trata de uma pesquisa bibliográfica, não foi necessário obter a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, conforme estabelecido pela Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Utilizar as TICs como ferramenta facilitadora do processo ensino-aprendizagem tem sido tema nos mais diversos meios de discussão sobre assuntos desafiadores para a educação deste século XXI, onde, comumente, falamos que estamos vivendo numa sociedade da informação e comunicação.

Considerando que é dessa sociedade da informação e comunicação que o professor recebe seus alunos, ele necessita encontrar alternativas que os estimule para permanecer na escola.

Observa-se que, a partir das vivências trazidas pelos alunos, a sala de aula transforma-se num rico laboratório, visto que, havendo a troca de saberes, cada um utilizando o conhecimento de sua própria cultura, certamente, possibilitará a valorização da educação.

Desse modo, com a inserção das TICs, o professor poderá aplicar estratégias metodológicas para que o ensino-aprendizagem se torne o mais próximo possível da realidade dos alunos, assim, acreditamos ser este um dos caminhos para solucionar as dificuldades apresentadas em sala de aula no aprendizado da língua inglesa.

Por isso, entende-se que a inserção das TICs como ferramenta facilitadora do processo de ensino-aprendizagem, possibilitará essa aproximação da escola com a realidade vivida por cada um deles na medida em que os leva a perceber a relação entre os conteúdos didáticos apresentados na sala de aula e a sua materialização na vida social incluindo o discurso das TICs como componentes do programa de ensino de língua inglesa, promovendo assim a melhoria e garantia do aprendizado.

Nós devemos aproveitar este cenário do século XXI em que as redes atraem os estudantes, como nos propõe Moran (1997, p. 1), visto que “Eles gostam de navegar, de descobrir endereços novos, de divulgar suas descobertas, de comunicar-se com outros colegas.”

Neste contexto, Moran (1997, p. 2) traz grande incentivo aos professores de língua inglesa, quando nos mostra que “O interesse pelo estudo de línguas aumenta. A aprendizagem de línguas, principalmente do inglês, é um dos motivos principais para o sucesso dos projetos”.

Ademais, os alunos em seu cotidiano, enviam e recebem mensagens, isso exige certa habilidade com a Língua inglesa. Assim, “Com programas de comunicação na Internet em tempo real, a necessidade de domínio de línguas estrangeiras é mais percebida” (MORAN, 1997, p. 6).

Porto também sugere que precisamos aproveitar que o jovem gosta de jogos, pois usa aprendizagem tem mais “[...] significação e ele busca vencer imprevistos, descobrir alternativas que o tornem mais competente em suas escolhas e decisões, embora na maioria das vezes aconteçam por ensaio e erro” (2006, p. 46).

Ainda, de acordo com Porto (2006, p. 46-47):

Não propomos à escola a exclusão de textos lineares e imagéticos com que tradicionalmente vem trabalhando (entendidos como recursos audiovisuais e de consulta), mas uma agregação, a estes, de jogos e de outras linguagens tecnológicas e comunicacionais que permitam ao usuário a seleção, busca e mixagem de informações, de situações de aprendizagem e, conseqüentemente, o diálogo com a realidade atual.

Dessa forma, as TICs em geral, e suas aplicações e usos educacionais em particular, logicamente refletem essas inquietações. Parte-se da premissa de que um ensino só poderá ser eficiente se considerar as características e necessidades do educando, levando em conta seu contexto social e suas experiências de vida, como Paulo Freire (1998, p. 11), nos ensina ao falar que foi alfabetizado no chão do quintal de sua casa, que ficava à sombra de uma mangueira, utilizando palavras de seu mundo: “o chão foi meu quadro-negro, gravetos, meu giz”.

Neste sentido, se nossos alunos convivem com as TICs e nelas são inseridas palavras em inglês, vamos aproveitar esta realidade e transformar as aulas de inglês. Vamos levar o que eles vivenciam fora da escola para dentro dela.

Quando falamos em usar as palavras em inglês que usamos cotidianamente aqui no Brasil, estamos falando de estrangeirismo, que Jesus (2002, p. 29) considera “[...] qualquer termo proveniente de um idioma estrangeiro e que, quando assimilado pelos falantes da língua receptora, torna-se um empréstimo”.

Valadares (2014, p. 111) conceitua empréstimos como sendo as palavras decorrentes de outro “[...] sistema linguístico, tomadas por empréstimo para suprir alguma necessidade conceitual, de ordem tecnológica, ou para a expressão de elementos socioculturais, referentes às trocas de ordem linguístico-cultural entre comunidades falantes de idiomas diversos”.

Para Lucchesi (2012, p. 794), “a concepção de um sistema linguístico heterogêneo e variável faz com que necessariamente a Sociolinguística defina o seu objeto de estudo como a comunidade de fala, a coletividade que usa concretamente a língua em um contexto histórico específico”.

Para Uphoff: “são muitos os aspectos envolvidos na tarefa de ensinar e aprender uma língua estrangeira: concepções de linguagem e aprendizagem, objetivos de ensino, tradição escolar.” (2007, p. 14).

É comum observarmos nossos alunos utilizarem TICs, inclusive fazendo leitura das palavras que estão inseridas, nos aparelhos, nas ferramentas que propiciam seu uso. Interessante observarmos que, embora nossos alunos argumentem que possuem dificuldade para entender, aprender a língua inglesa, eles utilizam do estrangeirismo nessa mesma língua.

Segundo Alves, o léxico de um idioma “não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente: os contatos entre as comunidades linguísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua” (2002, p. 72).

Dentre os estrangeirismos, observa-se uma predominância de unidades lexicais provenientes do inglês, como foi observado por Torrano (2010, p. 108) que indicou um estrangeirismo muito frequente: “[...] de acordo com o corpus estudado, da área de informática, o estrangeirismo está representado por 46% dos termos encontrados, o que demonstra que essa área é fortemente influenciada por uma cultura externa representada pela língua inglesa”.

Na visão de Garcez e Zilles: “[...] grande parte dos estrangeirismos são percebidos porque conservam sua identidade estrangeira na grafia, mesmo depois de incorporação à fonologia da língua, como no caso de software, dito ‘sófter’ ou ‘sófiter’, ou ainda ‘sofitiuer’, ‘softchiuer’ ou ‘sofituer’” (2004, p. 15-36).

Verifica-se, portanto, uma interessante oportunidade para o professor de língua inglesa fazer as correções de uma palavra utilizada pela grande maioria dos estudantes.

Neste sentido, verifica-se que as palavras vão chegando ao português com caráter de empréstimo, mas que aos poucos se consolidam e vão se adaptando e assim passam a fazer parte da língua portuguesa. Vejam que interessante oportunidade para o professor de língua inglesa fazer as correções de uma palavra utilizada pela grande maioria dos estudantes. A diversidade de serviços disponibilizados por meio da tecnologia da informação e comunicação (TIC) quer seja utilizado para o trabalho, para redes sociais, para entretenimento, dentre outros, fazem parte da vida da maioria das pessoas.

Como nos ensina Coutinho, nestes novos cenários, a integração curricular das TIC pode contribuir significativamente para que sejam usados, nos espaços formais de educação, estratégias pedagógicas inovadoras e significativas tanto para o aluno como para a comunidade, o que implica apostar na formação pedagógica e tecnológica dos docentes, seja inicial, seja contínua (2011, p. 10).



Ainda segundo Coutinho, não basta o professor “[...]” saber navegar na Internet ou então dominar habilidades no manuseio de algum software, mas, sobretudo, possuir competência pedagógica para que possa fazer uma leitura crítica das informações que se apresentam desorganizadas e difusas na rede”.

Dessa forma, verificamos que os alunos ficam envergonhados quando solicitamos a leitura de algum texto, mas como sinala Paulo Freire: “[...]” Não há razão para se envergonhar de por desconhecer algo, testemunhar a abertura dos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa” (1999, p. 153).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da inexistência de infraestrutura física de transmissão; disponibilidade de equipamentos de conexão de acesso; de treinamento no uso instrumental do computador e da Internet, a inserção das TICs no sistema educacional e nossos alunos determina o aproveitamento efetivo da informação e das atividades de comunicação pela Internet.

Como nos ensina Coutinho (2011, p. 11), sobre a responsabilidade que cabe à escola no desenvolvimento dessa nova sociedade em que o conhecimento, a criatividade e a inovação são os valores acrescentados que fazem a diferença e determinam o sucesso numa economia globalizada e altamente competitiva. Isto favorece que um número mais elevado de alunos busque investir em sua aprendizagem.

A perspectiva de possibilitar a inter-relação com outros conhecimentos são contribuições para uma formação de atitudes crítico-reflexivas em relação à inserção das TICs que permite aos estudantes ampliarem sua responsabilidade ao desenvolverem o compromisso entre o conhecimento de inglês adquirido em sala de aula e o seu aprendizado cotidiano.

Levando em conta que as TICs fazem parte do cotidiano global, abrangendo tanto professores como estudantes através de aparelhos de telefones celulares, *tablet*, *smartphone*, *notebooks*, e aplicativos como *WhatsApp*, *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, é possível perceber que assim como o modo de comunicação e interação social vem se modificando, a relação com a Língua inglesa também está, ficando cada vez mais presente na vida cotidiana.

Neste sentido, todo este contato poderia ser colocado como um facilitador do aprendizado da Língua para os estudantes, dado o devido aparato para que tal sinergia ocorra, tornando o ambiente escolar mais próximo do cotidiano do aluno, o que tornaria o aprendizado mais abrangente e fluido, visto que estará envolto em um contexto mais familiar.

Dessa forma, resta clara a necessidade da estruturação de alternativas metodológicas de aplicação de novos conteúdos que possam atuar como um catalisador na assimilação da Língua inglesa, a exemplo das TICs, mostrando ao estudante que todo o conhecimento adquirido não precisa estar distante de sua vida cotidiana.

## REFERÊNCIAS

1. ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2002.
2. BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996.
3. COUTINHO, C. Sociedade da informação, do conhecimento e da Aprendizagem: desafios para educação no século XXI. *Revista de Educação*, vol. 18, nº 1, 2011.
4. FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1999.
5. FREIRE, P. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
6. GADOTTI, M. Alfabetizar e politizar: angicos, 50 anos depois. *Revista de Informação do Semiárido – RISA, Angicos*, vol. 1, n.1, 2013.
7. GARCEZ, P.M. & Zilles, A.M.S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: Faraco, C.A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004.
8. JESUS, A.M.R. Empréstimos, tradução e uso na prática terminológica. *Revista de tradução e terminologia*, São Paulo, 2012.
9. LUCCHESI, D.A. Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, vol. 41, n. 2, 2012.

10. LOPES, J. R.; Abreu, M. C. M, & Mattos, M.C.E. Alfabetização e letramento 1. *Caderno do educador*. Brasília: MEC, 2010.
11. GOMES, R; Minayo, M.C.S.; Deslandes, S.F. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
12. MORAN, J. M. Como utilizar a internet na educação. *Revista Ciência da Informação*, v. 26 n. 2. Brasília, 1997.
13. PINTO, A. M. *As novas tecnologias na educação*. Disponível em: <[http://files.novastecnologias9.webnode.com/2000000011e2d91f276/AS\\_NOV\\_AS\\_TECNOLOGIAS\\_E\\_A\\_EDUCACAO.pdf](http://files.novastecnologias9.webnode.com/2000000011e2d91f276/AS_NOV_AS_TECNOLOGIAS_E_A_EDUCACAO.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2018.
14. PORTO, T. M. E. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações Possíveis... relações construídas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.
15. TORRANO, S.D.P. Produtividade e criatividade do léxico: os neologismos na área de informática. Dissertação (*Mestrado em Filosofia, Letras e Ciências Humanas*) Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2010.
16. TAVARES, M.M.K. & Souza, S.T.C. Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação. *CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação*, vol. 10, n. 1, 2012.
17. UPHOFF, D. A história dos Métodos de Ensino de Inglês no Brasil. In: Bolognini, Carmen Zink. *A língua inglesa na escola*. Discurso e ensino. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
18. VALADARES, F.B. Variação e mudança linguística: uma análise da ampliação semântica de estrangeirismos no português brasileiro. *Fórum Linguístico*, vol. 11, n. 4, 2014.
19. WERTHEIN, J. *A sociedade da informação e seus desafios*. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, 2000.